

## LITERATURA

## 'A TRAVESSIA DE MARIA' DOCUMENTA SOBREVIVÊNCIA À PERSEGUIÇÃO NAZISTA

ALÉCIO CUNHA

REPÓRTER

Polonesa de nascimento, Maria Tenenwurcel era uma universitária de 17 anos, quando é obrigada, por ser judia, a fugir da perseguição nazista na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. A aventura e a luta pela sobrevivência de Maria, que veio parar no Brasil e mora em Belo Horizonte, são temas do livro "A Travessia de Maria", que será lançado amanhã, a partir das 19h30, na livraria Sempre um Livro, em Belo Horizonte.

Este resgate de história tão emocionante atraiu o historiador e pesquisador Osias Ribeiro Neves, criador do "Escritório de Histórias", especializado em livros e pesquisas de natureza documental, a levar o drama de Maria às páginas de um livro. O depoimento de Maria, como sobrevivente da perseguição nazifascista, transformou-se em um documentário em vídeo produzido por Steven Spielberg, diretor de "A Lista de Schindler", película que relata o drama judaico.

Spielberg coordenou uma equipe de pesquisadores que, na década de 90, visitou dezenas de países colhendo depoimentos de vítimas do holocausto. Os relatos fazem parte, hoje, do acervo do Museu do Holocausto, em Nova Iorque. A via-crúcis de Maria começa em Varsóvia. Após a invasão nazista, ela foge para a cidade de Vilnius, capital da Lituânia, com a intenção de retomar sua vida.

Só que as tropas alemãs também chegaram ao território lituano. Acuada, ela viveu uma série de peripécias no gueto judeu. Fugas, encontros, desencontros, a proximidade do perigo tornaram-se rotina. Viaja para a Itália, onde se casa, depois muda-se para a França até chegar ao Brasil em 1947, local escolhido para realmente começar uma vida nova.

Responsável pela metamorfose da história de Maria em um livro, o historiador Osias Ribeiro Neves lembra que o projeto exigiu uma boa dose de interação com a protagonista e seu filho Roberto, considerado pelo pesquisador um elo importante na tradução de documentos e na comprovação de fatos citados pela mãe.



Capa de 'A Travessia de Maria', que será lançado amanhã

O livro consumiu dois anos de trabalho de Neves. "Com base nos depoimentos, iniciados em 1999, e nas pesquisas posteriores, o material foi depurado e os depoimentos transpostos da linguagem oral para a escrita. Em seguida os capítulos foram projetados e o livro delineado. Por algum tempo, o texto permaneceu com a sra. Tenenwurcel, que fez nele inúmeras observações, a maioria pertinente, ligadas a datas, lugares e detalhamento de acontecimentos", frisa.

Ribeiro Neves comenta os motivos que levaram o livro a ser narrado em primeira pessoa. "A opção pela narrativa em primeira pessoa foi feita para que o leitor possa mergulhar no mundo da protagonista e partilhar da emoção que ela passou em seu relato. Entretanto, essa opção não esconde o rastro deixado pelo escritor, que permeia todo o texto com informações sobre o conflito para garantir a unidade do texto e o contexto histórico", assinala.

"Lidar com a história viva da personagem Maria, que teve o percurso de sua vida alterado pela Segunda Guerra Mundial, foi um exercício gratificante, que levou o escritor a buscar respaldo na diversidade bibliográfica existente, sem, contudo, perder o foco da história pessoal da protagonista", assinala Ribeiro Neves.

O historiador ressalta que é muito importante considerar os fatores

de ordem emocional a que esteve submetida Maria Tenenwurcel durante suas constantes fugas no cenário complexo da Segunda Guerra Mundial em território europeu. Ele também chama a atenção pelo tempo que separa o que Maria passou dos relatos orais.

"É preciso considerar também a censura natural, gerada por um meio opressor, hostil e complexo, que pode ter levado a protagonista à omissão de fatos que não puderam ser registrados e, se o foram, a memória cuidou de apagá-los como forma de preservar a sua integridade. Fato é que ninguém faz uma travessia como a de Maria Tenenwurcel sem traumas ou seqüelas", salienta Ribeiro Neves.

Meves observa que este livro foi o resultado de um acordo verbal entre a personagem e o historiador. "Todo o trabalho foi conduzido em parceria. A protagonista ditou, em muitos momentos, o que deveria ser suprimido ou acrescentado ao texto e que, por isso mesmo, houve um engessamento do escritor que pretendia dar um tratamento romanceado à história da protagonista", frisa.

→ "A Travessia de Maria", de Osias Ribeiro Neves - Lançamento amanhã, às 19h30. Na Livraria e Café Sempre Um Popo (Rua Pernambuco, 797. Savassi. Telefone: (31) 3261-1501. Entrada franca.



## Sobrevivente do holocausto

**S**obrevivente da Segunda Guerra Mundial, a polonesa Maria Tenenwurcel é uma das 565 pessoas que moram atualmente no Brasil e que foram entrevistadas pela equipe da entidade "Sobreviventes do Holocausto", fundação presidida pelo cineasta Steven Spielberg que reuniu, de 1994 até novembro do ano passado, 49.468 depoimentos em vídeo com sobreviventes de 57 países.

Moradora de Belo Horizonte desde 1947 (ela pôs os pés na cidade exatamente na data comemorativa do cinquentenário da capital, 13 de dezembro daquele ano), Maria viveu boa parte dos horrores promovidos pela perseguição nazista. Quando a guerra eclodiu, ela estava exatamente num dos epicentros do conflito, Varsóvia, invadida pela Alemanha em 1939.

Com olhos azuis e um sotaque carregado, Maria Tenenwurcel traz, em cada palavra, a lucidez de quem, aos 76 anos, é um exemplar vivo da história. Até o fim do ano, além das duas fitas de vídeo gravadas com seu depoimento pela equipe de Spielberg, ela terá um livro, elaborado pelo Escritório de Histórias, contando sua experiência desde a infância em Villon, na antiga Polônia, hoje capital da Lituânia.



• Maria Tenenwurcel terá registrada sua história, marcada de perto pelos horrores da Segunda Guerra Mundial

"Me perguntaram até o sobrenome da empregada que trabalhava em minha casa na Polônia, e eu sabia", conta. Confirmando na pele a história conhecida posteriormente através dos livros, D. Maria consegue, mais de 50 anos depois, narrar trechos de uma das mais dolorosas experiências que o homem já produziu. "A primeira bomba caiu às 5h da manhã. Minha família morava no terceiro andar de um prédio e a bomba caiu uns andares acima. Uma parte do nosso apartamento ficou destruída. Tive que dormir na cozinha, o resto do apartamento tinha caído", lembra.



## RAIO X

• A polonesa Maria Tenenwurcel é uma das 565 pessoas entrevistadas, no Brasil, pela equipe da fundação de história visual "Sobreviventes do Holocausto", presidida pelo cineasta Steven Spielberg. A fundação reuniu, de 1994 até novembro do ano passado, 49.468 depoimentos em vídeo com sobreviventes de 57 países



• A foto ao lado mostra o certificado, assinado por Steven Spielberg, do depoimento dado à fundação, além de uma foto do pai e um documento emitido pelo governo austríaco, depois de Maria ter seus documentos queimados na guerra

• Maria Tenenwurcel é moradora de Belo Horizonte desde 1947, quando pôs os pés na cidade exatamente na data comemorativa do cinquentenário da capital, 12 de dezembro daquele ano

• Até o fim do ano, terá sua história narrada em livro pelo Escritório de Histórias (498-3302)



## Testemunha da ocupação nazista

**A**pior época, segundo Maria Tenenwurcel, foi quando a Polônia foi ocupada pelos alemães. "Passei dois anos em um gueto, perigo de vida dia e noite. Entregamos tudo aos alemães, só conseguia ficar escondido quem tinha muito dinheiro. No sexto dia de guerra, as rádios começaram a falar 'atravessar as pontes, atravessar as pontes', informando sobre a chegada das tropas alemãs. Ia gente de carro, a pé, nossa família alugou uma car-

roça. A gente achava que deixando a cidade estaríamos livres. Mas de madrugada passaram aviões baixinho, metralhando tudo."

Em 1941, quando a Alemanha invade a Rússia, Maria, já longe do gueto, trabalha por dois anos numa fábrica de tecidos, que fornecia roupas para o

exército alemão. "Eles tinham uniformes bonitos, mas o frio russo era grande. Nesse tempo pelo menos tínhamos trabalho e estávamos livres da morte", diz.

Já nos últimos momentos da guerra, em 1944, Maria é capturada pelos alemães numa fila de pão na cidade de Villion (antiga Polônia, atual Lituânia), onde pediram documentos de trabalho. Ela não os tinha e então levaram-na para um campo de trabalhos forçados, sendo obrigada a trabalhar numa fábrica que, à época, produzia peças para a Mercedes-Benz.

Em contato com diversos países, aprendeu seis idiomas até os 23 anos: russo, alemão, polonês, inglês, francês e italiano. Isso a ajudou a arrumar emprego numa organização sediada em Roma, American Joint Distribution Comitee, que ajudava refugiados. "Entre na Itália num jipe, foi como sair de uma geladeira. Não sabíamos de nada além da guerra. Não sabíamos o que era uma cidade iluminada à noite. Não sabíamos quem era Ingrid Bergman", lembra, emocionada.

Na Itália, conheceu o futuro marido, Ladislau, soldado polonês que lutara em terras italianas. Ele convidou-a para se mudarem para o Brasil e em 1946 eles chegavam ao Rio. Um ano depois, mudavam-se para BH, onde Ladislau começou a trabalhar como importador de relógios e ela como professora de inglês e funcionária da Livraria Oscar Nicolai. Hoje, Maria Tenenwurcel ainda tem fresca na memória toda a experiência da guerra. "Todos devem lembrar isso para saber a que ponto o homem pode chegar, para não esquecer o que o homem é capaz de fazer. (...) E de agüentar."